

## **SOBREVIVENDO À COVID-19**

**Maria de Fátima Guimarães Couceiro**

Médica Especialista em Clínica Médica

Conselheira do CRM-PA

Coordenadora da Comissão de Educação Continuada do CRM-PA

Corregedora do CRM-PA

Dois mil e dezenove estava quase acabando quando nos deparamos com a notícia de que um vírus agressivo e potencialmente mortal estava devastando populações de alguns países. Inicialmente, talvez até por negação, muitos acreditaram que era exagero, que não chegaria ao Brasil e muito menos em nosso Estado.

Mas o “subestimado” vírus não estava para brincadeira e mostrou-se assustador.

Assustadora também foi a situação que passamos a enfrentar e conviver.

Nós médicos, conhecidos por nada temer, passamos a enfrentar a dura realidade do alto contágio e da doença fatal que a cada dia matava mais médicos e outros profissionais da saúde e isso trouxe o desconhecido para nós, o medo.

Medo de adoecer, medo de morrer, medo por nossos familiares, medo por nossos amigos e medo por nossos pacientes.

Mas até aquele momento, o do medo, não tínhamos, talvez, ainda, a noção do real impacto que este vírus traria às nossas vidas.

Acostumados que estamos, com medidas rígidas de higiene e proteção, nos defrontamos com situações novas, onde até dividir o mesmo ambiente se tonou um risco muito grande.

O que fazer? Estava dentro de nós, em nossas entranhas, o sentimento de cuidados ao próximo, da não aceitação do afastamento da assistência. Como lidar com o medo de adoecer, de morrer, de trazer este vírus terrível para dentro de nossas casas? Medo do futuro.

Enquanto lutávamos contra sentimentos ditos normais, mas que para nós pareciam absurdos, começamos a entender o tamanho do impacto que esta nova situação traria às nossas vidas.

O que fazer? Ficar em casa? Inaceitável!!! Enfrentar? Apavorante!!!

No meio de toda essa situação caótica, a única decisão possível - enfrentar!!! Se proteger e cumprir nosso papel. O papel ao qual nos propomos ao escolher nossa profissão, com cuidado, coragem, força e fé.

Não demorou muito para que acontecesse o encontro com este terrível vírus.

E agora? Finalmente nos conheceríamos. Seria uma luta. Quem sairia vencedor?

Dias difíceis estavam à frente. De nada adiantaria o sentimento de dever para com nossos pacientes. A decisão estava tomada. O encontro aconteceu e agora éramos um só. Não haveria o enfrentamento em lados opostos. Éramos agora médica, paciente e vírus em um só corpo. O afastamento foi necessário e obrigatório, seguido de um isolamento físico e as vezes até emocional, com o cuidado de preservar nossos familiares, tanto do contágio como da preocupação.

Dias de sofrimento físico e emocional. Dias de incerteza e preocupação. Dias de espera. Dias de reflexão.

Os dias foram passando, o sofrimento aumentando, até que veio a melhora e o alívio por não ter sido necessária a internação e por nenhum familiar ter sido contaminado.

Teria enfim acabado o sofrimento? Não. A cada dia nos deparávamos com mais e mais notícias desanimadoras, com o vírus avançando e muitas pessoas conhecidas sendo vencidas por esse terrível inimigo. Então o sentimento de dever para com nossos pacientes ganhou força novamente e era hora de retornar. Mas retornar como, fragilizada que estava, física e emocionalmente? Amedrontada, sem saber muito bem como lidar com esse sentimento.

Como seria o reencontro com os pacientes? Quantos não retornariam?

O retorno não foi fácil, confesso. Mas quando aconteceu, foi repleto de alegria e esperança. Senti como se estivesse renovando meus votos com a Medicina, com meu dever, com minha vida, enfim.

Meses se passaram desde então e, a cada dia, no dia a dia, tento manter a alegria, os planos, o sorriso, o olhar no futuro e assim vou sobrevivendo à COVID-19.